

John Mills

Charles Miller
O pai do futebol brasileiro



Copyright © 2005 John Robert Mills

Supervisão editorial Marcelo Duarte

Assistente editorial Tatiana Fulas

Projeto gráfico Luciana Porto Alegre Steckel

Diagramação Estúdio O.L.M.

Preparação de texto Ciça Caropreso

Revisão Alessandra Miranda de Sá
Cristiane Goulart

CIP-BRASIL, CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Mills, John Robert

Charles Miller : o pai do futebol brasileiro / John Robert
Mills. — São Paulo : Panda Books, 2005

1. Miller, Charles William, 1894-1994. 2. Jogadores de fu-
tebol – Inglaterra – Biografia. 2. Futebol – Brasil – História.
I. Título

05-1094

CDD 927.963340891

CDU 929:796.332(81)

2005

Todos os direitos reservados à

Panda Books

um selo da Editora Original Ltda.

Rua Lisboa, 502 — 05413-000 — São Paulo — SP

Tel.: (11) 3088-8444 — Fax: (11) 3063-4998

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Para
Georgia Louise, Nicholas Stuart,
Alissa Marie, Daphne Marie,
meus netos, e os outros ainda por vir,
que com seus adoráveis sorrisos
derretem geleiras e movem montanhas.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, desejo expressar meu profundo agradecimento a Helena Rudge Miller (*in memoriam*), filha de Charles Miller, pelo apoio dado a este trabalho, desde 1973. As conversas que trocamos, os recortes de jornais que temporariamente ela me cedeu e as lembranças que me relatou, especialmente em sua última residência, na rua Luís Coelho, no bairro de Cerqueira César, em São Paulo, serviram de alicerce para que eu empreendesse esta obra.

Agradeço ainda:

a Charles William Rule (*in memoriam*), primo de Charles Miller, que, com suas correspondências, anotações, recordações e reminiscências, muito me ajudou a conhecer a São Paulo de antigamente;

a Dave Juson, de Southampton, por seu magnífico e laborioso trabalho de pesquisa nesta cidade inglesa sobre o período em que Charles Miller ali residiu;

a Mauro Pinheiro (*in memoriam*), ex-radialista da rádio Bandeirantes e grande amigo, que na minha chegada ao Brasil me presenteou com duas grandes obras sobre a história do rico futebol paulista e brasileiro;

a Rubens Ribeiro, historiador da Federação Paulista de Futebol e autor de *O Caminho da Bola*, excelente compêndio da história dos campeonatos paulistas entre 1902 e 1952, recheado de anedotas e reminiscências a respeito do futebol paulista;

a minha esposa Monica Kathleen, por seu incansável apoio. Sem sua força inesgotável e paciência, esta biografia jamais teria saído do papel;

aos amigos Charles Miller Jr. e Therezinha Miller, netos de Charles Miller, e Adel Auada, amigo da família Miller, por compartilhar comigo suas recordações;

a Ada Mobbs, de Norwich, na Inglaterra, e Luiz Fernando Miller Mello, de Santos, São Paulo, ambos sobrinhos-netos de John Miller, pai de Charles, pelas preciosas informações que forneceram sobre a ascendência escocesa da família;

a dona Bianca Morandi Rudge e sua sobrinha Maria Helena Rudge Guimarães, guardiãs da memória da família Rudge, por suas lembranças e fotos históricas;

a meu avô Alfred Edward Mills, a quem não conheci, mas que pelos caprichos da genética implantou em mim o gosto pelo futebol e por sua história. Nascido na Inglaterra, transferiu-se em 1895 para Bilbao, país basco ao norte da Espanha, tornando-se um dos introdutores do futebol na capital basca e um dos fundadores e campeão da III Copa del Rey em 1904, em Madri, pelo Athletic Club de Bilbao.

Pelo inestimável auxílio, agradecimentos especiais, em São Paulo:

- aos associados do São Paulo Athletic Club (SPAC) Natalie Rideg Mobus, Tom Affleck, Luiz Americano e John Wilson;
- a Silvana Fontanelli, do Centro de Memória do Clube Athletico Paulistano;
- a Yara Rovai, do Centro Pró-Memória Hans Nobiling, do Esporte Clube Pinheiros;
- a Rita Calabrese, da Biblioteca da Cultura Inglesa;

- a Claudemir Aparecido Soares, do Cemitério dos Protestantes da Consolação;
- ao pessoal do Arquivo do Estado, em Santana, e ao da Imprensa Oficial, na Mooca;
- a Maria Isabel C. Torres, da Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo, no Cambuci;
- ao doutor Daniel Eduardo D. Vera, da botica Veado D'Ouro;
- a Ubiratan Brasil, jornalista de *O Estado de S.Paulo*;
- a Peter Meyer, da RHM Leilões;
- à senhora Phyllis R. M. Birkinshaw, ao padre Aldo e ao pessoal da secretaria da Igreja Anglicana St. Paul's Church, de Santo Amaro;
- a Jair Mongerli, da Cúria Metropolitana de São Paulo, no Ipiranga;
- a Odete Barbosa de Oliveira, da secretaria do São Paulo Golf Club;
- a Waldemar Corrêa Stiel, historiador da antiga Light.

Na Inglaterra:

- a Josh Lacey, Rob Cavallinie e Kenneth Payne, escritores de Londres;
- a Rory Miller, da Universidade de Liverpool.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, 13

1. Do Brás à Inglaterra, 15
2. A era vitoriana, 27
3. Banister Court School, 33
4. A chegada da ferrovia, 46
5. Missionário da bola, 63
6. Amadores até a medula, 77
7. Chutadores da Távola Redonda, 98
8. Alvorecer do futebol, 107
9. Acesa a chama do ludopédio, 117
10. Miller e SPAC tricampeões, 123
11. Plumas e paetês nas arquibancadas, 132
12. A jóia da Consolação, 135
13. Taça Conde Penteadado, 139
14. Música e futebol, orgulho da família, 144
15. Miller internacional, 155
16. Pregando o Evangelho corinthiano, 159
17. Adeus à Liga Paulista, 170
18. Árbitro, tenista, *cricketer* e golfista, 174
19. Tempos modernos, 189

20. Fim da linha, 192
21. Retorno às raízes, 195
22. Pacaembu de luto, 200
23. Últimas lembranças, 205
24. O legado de Charles Miller, 210

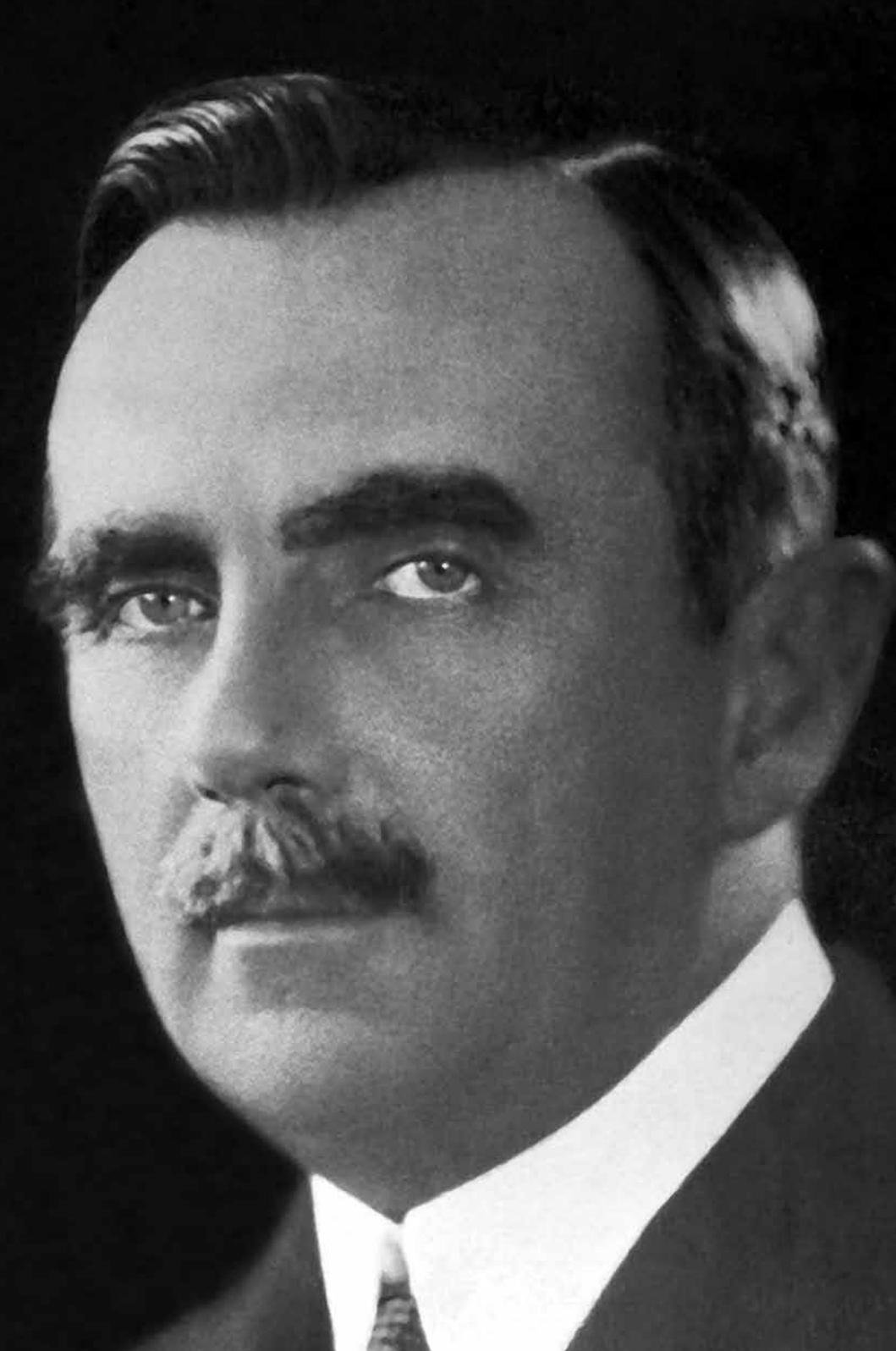
APÊNDICES, 217

- I. Partidas disputadas e gols marcados por Charles Miller na Inglaterra, 217
 - II. Partidas disputadas e gols marcados por Charles Miller no Brasil de 1895 a 1910, 220
 - III. Partidas disputadas por Charles Miller como goleiro no Brasil, 224
 - IV. Partidas apitadas por Charles Miller no Brasil, 225
 - V. Número de partidas disputadas pelos jogadores do SPAC de 1902 a 1912 na Liga Paulista de Foot-ball, 227
- Carta do Conselho da Comunidade Britânica, 1954, 229

BIBLIOGRAFIA, 231

*Não sei mesmo como admirava Charles Miller mais,
se quando meu parceiro ou quando meu adversário.*

Professor Thomás de Aquino, 1954.



O PAI DA MATÉRIA.

UMA BOLA MUDOU O CORAÇÃO DO BRASIL

Domingo à tarde. Centenas de jovens reunidos na praça Charles Miller, em frente ao Estádio Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu, em São Paulo. Tudo indica que eles estão ansiosos para assistir a uma partida de futebol. Errado. As pessoas lá reunidas aglomeram-se à espera de um show promovido pela rádio Jovem Pan. Um grupo de cinco garotos de idade entre 15 e 18 anos, com suas respectivas namoradas, conversa a respeito de futebol. Dois dos meninos estão com a camisa do Corinthians e comentam suas perspectivas para o jogo que irá ocorrer no estádio do Morumbi, contra o Santos. Um aposta 2 x 0 para o Timão. O outro é mais otimista: *Com certeza é sete a um, um só para não humilharmos demais!* Futebol é o assunto predominante, principalmente em dia de clássico. Mas será que eles sabem quem foi Charles Miller, o homem que deu nome àquela praça, palco de shows musicais? Uma garota arrisca dizer que Miller *tem alguma coisa a ver com futebol*. Seu namorado, o corintiano dos sete a um, corrige a menina, afirmando que *ele foi o primeiro jogador estrangeiro a defender uma equipe nacional*. Nenhum dos dois acerta. Miller é considerado o *Pai do Futebol Brasileiro*, ou o *Introdutor do Esporte Bretão*. Ele trouxe as regras do futebol para o Brasil em 1894 e, de lá para cá, muito mudou.

Mirella Russo Domenich
Estudante de jornalismo da Cásper Líbero
na revista *Esquinas de São Paulo*, 1999

I. DO BRÁS À INGLATERRA

*Vamos trocar de roupa rapazes, e mesmo que o tempo
esteja inclemente e vocês caírem, tem coisa
pior na vida do que um simples tombo na grama,
e a vida é mesmo um jogo de futebol.*

Sir Walter Scott (1771–1832), poeta e romancista escocês

Guerra da Península, Fuentes de Oñoro, fronteira entre Portugal e Espanha, 1812. As tropas britânicas descansam após a íngreme subida ao povoado de Guarda, nos Trás-os-Montes portugueses. O general Arthur Wellesley, mais conhecido como duque de Wellington, grande vitorioso dessa guerra, ajusta o binóculo para analisar a próxima presa: Ciudad Rodrigo, no outro lado do rio Agueda, na entrada da meseta de Salamanca. Esse belo povoado cercado por muralhas romanas era defendido pelas tropas francesas sob o comando do marechal Masséna, um dos mais renomados homens de Napoleão, que, porém, logo cairia em desgraça por suas derrotas militares.

William Wheeler, cabo da 51ª Divisão de Infantaria comandada pelo general Thomas Picton, descansava junto a seus soldados. Ele, que mais tarde seria promovido a sargento e sobreviveria à batalha de Waterloo, sempre levava na mão direita

sua baioneta e a mochila nas costas, sonhando com sua cidade natal de Blackburn, onde costumava correr pelos campos, ou *commons*, atrás de uma bola de couro, jogando com os amigos.

Momentos antes da vitória britânica no ataque a Ciudad Rodrigo, os dois exércitos decidiram estabelecer uma trégua. William sempre carregava uma bola de couro de capotão amarrada a sua mochila, junto com suas provisões. Esse esférico o tinha acompanhado na defesa de Torres Vedras e nas batalhas de Albuera e Talavera, e fazia-se necessário em momentos como esse. Sir Arthur Bryant, renomado historiador militar inglês, nos conta em seu livro *The Winning Years 1802–1812* que:

Na manhã seguinte, com uma temperatura muito agradável, os dois exércitos olham-se das margens do rio, porém o ataque não foi retomado. Após um leve canhoneio, ambos os lados ocuparam-se em coletar os feridos, com a usual confraternização. Os franceses então começaram a marchar com a banda marcial, tocando para impressionar os britânicos, e estes, caracteristicamente, a jogar football.

Esta biografia é um tributo a Charles William Miller e à sua obra, bem como ao futebol, introduzido por ele no Brasil. Foi Charles Miller quem organizou as primeiras partidas e integrou a primeira diretoria da Liga Paulista de Football e do Tênis. Além disso, sagrou-se artilheiro e tricampeão pelo São Paulo Athletic Club, participou da primeira partida internacional contra a Argentina, apitou jogos por vários anos, após sua retirada dos campos de jogo, e ainda atuou como conselheiro das ligas paulistas. Tudo isso sempre mantendo seu cavalheirismo e o *fair-play* do qual era cultor, além de uma humildade ímpar. Ao trazer para São Paulo duas bolas de futebol, jamais imaginou as transformações que iria causar, transformando o *association football* numa paixão nacional e o Brasil no País do Futebol.

Com a construção da estrada de ferro Santos–Jundiaí, inaugurada em 1867, a São Paulo Railway trouxe *staff* administrativo e técnico do Reino Unido para completar seu *staff*, e entre esses estava John Miller.

John Miller nasceu em 13 de junho de 1844, em Burnfoot, residência de seus pais, Andrew, tecelão, e Elizabeth Brown, na cidade de Fairlie, vizinha de Largs, esta famosa pela batalha na qual os escoceses expulsaram os *vikings* noruegueses definitivamente da Escócia, em 1263. Fairlie fica ao sul da entrada do estuário de Firth of Clyde, hoje na rodovia A78, também na rota marítima para o porto de Greenock e a cidade de Glasgow. Seus moradores dedicam-se à pesca e à tecelagem. John chegou a terras paulistanas solteiro e em 1870 casou-se com Carlota Alexandrina Fox, ou Tia Carlota, como era conhecida pela enorme família Fox. Carlota Alexandrina, filha de Henry Fox (1812–1891) e de Harriet Mathilda Rudge, nasceu em 3 de maio de 1850, em São Paulo. Seu pai era oriundo da cidade de Hastings, Condado de Sussex, no litoral sul da Inglaterra, cidade que foi palco da famosa Batalha de Hastings em 1066, quando William da Normandia derrotou o rei Harold dos saxões.



Família Miller na chácara de Henry Fox em 1876: Charles, então com dois anos, sentado no banco ao lado das tias Guilhermina e Anna Luiza.

Em São Paulo, Henry foi relojoeiro, e tinha sua loja instalada no número 6 da rua Imperatriz. Nesse local, o pai de Carlota também vendia instrumentos musicais, óculos, calçados e arreios, e ainda hortaliças, flores e arbustos. Após a Proclamação da República, em 1889, a rua Imperatriz passou a se chamar rua do Rosário e, posteriormente, XV de Novembro, como é conhecida até hoje.

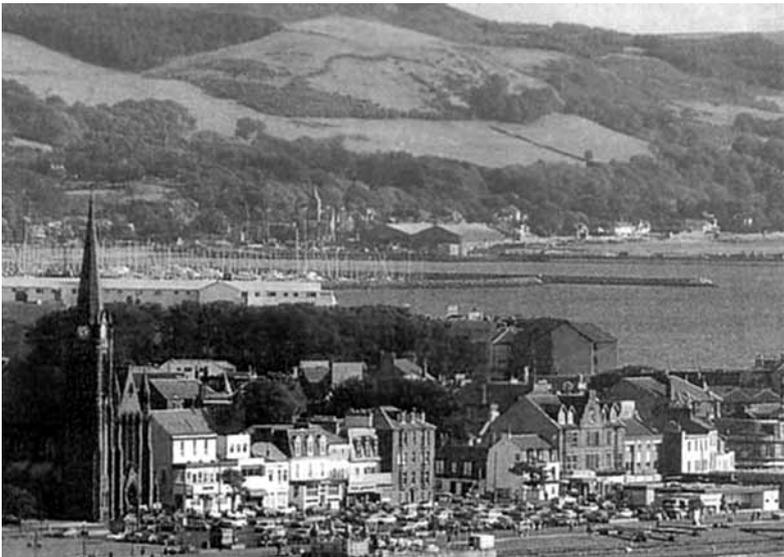
Harriet nasceu em 31 de outubro de 1825, em Stroud, Condado de Gloucester, na Inglaterra. Ela e Henry escolheram para sua filha o nome Charlotte (ou Carlota) em homenagem à filha mais velha do rei Jorge III, que reinou de 1760 a 1820 (retratado no filme *As Loucuras do Rei George*, do diretor Nicholas Hytner). Harriet Mathilda era sobrinha de John Rudge. Ele, também natural de Stroud, chegou ao Brasil com a família no início do século XIX, tendo fixado residência no Rio de Janeiro, até que em 1813 o rei Dom João VI de Portugal lhe concedeu um terreno e uma casa nas glebas do Morumbi, na Província de São Paulo. Essa província já era conhecida por seu solo fértil, e John Rudge foi um dos primeiros ingleses a ali se estabelecer. Como agricultor, foi nesse terreno que plantou as primeiras culturas de chá. Hoje o local transformou-se na Casa da Fazenda do Morumbi, que, além de contar com um sofisticado restaurante, é um pólo cultural e sede da Academia Brasileira de Arte, Cultura e História. Fica a pouca distância do Palácio dos Bandeirantes, sede do governo do Estado.

Junto com John Miller, veio para trabalhar na São Paulo Railway seu irmão Andrew Junior, nascido em Fairlie e dois anos mais velho que John. Andrew se estabeleceu em Santos e se casou com uma jovem dessa cidade, Julia Henriqueta Peixoto. Na Escócia, quando John era pequeno, seus pais se mudaram para o porto de Greenock, região em que a indústria de tecelagem estava prosperando, e o restante de seus irmãos e irmãs nasceram nessa cidade. No início dos anos 1870 chegou a São Paulo outro irmão de John Miller, Peter, treze anos mais jovem que John.

Ele se casou com Alice Fox Rule, filha de Joseph Edward Rule e Guilhermina Fox, sobrinha da Carlota. O caçula William, apelidado de Willie, foi o último a chegar ao Brasil, e também se casou, em Santos, com Carolina de Andrada Glenie, aparentada da família do Patriarca da Independência, José Bonifácio de Andrada.

Os irmãos Miller cresceram numa das mais belas regiões do litoral sudoeste da Escócia, o estuário de Firth of Clyde. Ao sul, era salpicado por praias e balneários separados por frondosos bosques e tradicionais casas senhoriais. Quando pequenos, os Miller costumavam sentar-se nos morros da costa litorânea, com suas praias de pedregulhos e águas geladas, em Largs e em Fairlie, para acompanhar a entrada dos navios no estuário em direção às prósperas cidades industriais de Greenock, Glasgow e Paisley.

Também avistavam à distância as ilhas irmãs de Great Cumbrae e Little Cumbrae. Imaginavam para onde iam os na-



Cidade de Largs, Escócia: quando criança, o pai de Miller sentava-se nos morros para ver a chegada dos navios.

vios, sem saber que anos depois, justamente num daqueles, eles viajariam para se estabelecer no Brasil. Um único irmão, Daniel, permaneceu em Fairlie junto com duas irmãs. Nessa região de Ayr também havia nascido o mais venerado poeta escocês, Robert Burns. Ainda hoje esse é um litoral belíssimo, com suas marinas, clubes de iate, e com seus passeios de veleiro e *ferries* às ilhas vizinhas.

Glasgow, e as vizinhas Paisley e Greenock foram, desde o início da Revolução Industrial britânica, o principal pólo comercial da Escócia, chegando a somar um milhão e meio de habitantes no final do século XIX. Glasgow possuía a maior fábrica de tubos de aço do mundo, porém com a mudança da fábrica para a cidade de Rugby, na Inglaterra, teve início seu declínio industrial. Do porto e estaleiros de Greenock centenas de navios partiam para todos os mares do mundo. Com a Diáspora, a população de Glasgow viu-se reduzida a seiscentos mil habitantes. Apesar de muitos acreditarem que seja ela a capital da Escócia, na realidade a capital é a bela Edimburgo, a cidade cultural dos escoceses, dominada e defendida pelo Castelo de Edimburgo, estrategicamente situado no topo de um morro, de onde se avista a cidade inteira. É em Edimburgo que todos os anos se realiza o tradicional encontro das bandas de gaiteiros dos *clans* escoceses, apelidado de Military Tattoo.

Guardadas as devidas proporções, de hemisfério, tamanho e clima, pode-se dizer que Glasgow equivaleria a São Paulo, Greenock a Santos, Largs a Guarujá e Fairlie à praia de Perequê, no litoral paulista.

Como muitos outros funcionários e técnicos britânicos, John Miller veio ao Brasil atraído pela oportunidade de trabalhar na construção da ferrovia que uniria o porto de Santos ao rico interior paulista. Na época, um bom salário para um técnico no Brasil ficava em torno de quatrocentas, quinhentas libras esterlinas por ano, enquanto na Grã-Bretanha o máximo que poderia ganhar, após anos e anos de trabalho, eram trezentas